

TANQUES PÚBLICOS DE CASA BRANCA

José Luís Peixoto

Podemos ainda ouvir o som da água. Como se escorresse entre estas palavras, entre estas letras, o som da água entre o que somos capazes de ouvir e ver nos pensamentos.

Com essa água, mulheres lavaram roupa nestes tanques. Foram as suas mãos que levantaram o som que agora lembramos ou imaginamos, exatamente como se o ouvíssemos.

A roupa que essas mulheres aqui lavaram foi vestida por Casa Branca inteira. Os passos dessas meias calcorrearam todos os cantos da aldeia, os peitos dessas camisas tocaram-se em abraços de toda a gente com toda a gente, as mangas dessas camisolas construíram cada bocadinho de tudo o que aqui se vê.

Nestes tanques, gerações e gerações de mulheres foram deusas secretas, mães de Casa Branca, filhas de Casa Branca, a tua e a minha avó. Sem que ninguém se apercebesse, indistintas do quotidiano, lavaram aqui todos os gestos de Casa Branca, todas as intenções, deram descanso ao passado, prepararam o que estava para vir, regeneraram o mundo.

Desde o interior do silêncio, no espaço entre cada palavra, de cada vez que dizemos Casa Branca, entre a palavra Casa e a palavra Branca, podemos ainda ouvir o som da água.

Esse é o som do tempo, vem das mãos das mulheres que nos criaram, das mulheres que, ao lavarem roupa, ergueram o universo. Sim, podemos ainda ouvir o som da água, existe, não esqueçamos nunca de que precisa dos nossos pensamentos para existir.